

Resumo 4 — Teorias do conhecimento: racionalismo e empirismo

11.º Ano

Filosofia

2 páginas

Teoria

Objetivo: Sintetizar as duas teorias explicativas do conhecimento — racionalismo (Descartes) e empirismo (Hume) — quanto à origem, ao fundamento, ao critério de verdade, à causalidade e ao alcance do saber.

1. O problema: o desafio cético

A questão central é a da **possibilidade do conhecimento**: haverá algum saber seguro, ou tudo o que julgamos saber pode ser posto em causa? Os sentidos enganam-nos (uma vara parece curva na água), não distinguimos com certeza a vigília do sonho, e é concebível que uma inteligência superior nos engane mesmo nas evidências mais simples. Quem aceita o desafio cético tem de encontrar um *fundamento* que resista a estas dúvidas — e é aqui que racionalismo e empirismo divergem profundamente, não sobre a existência do problema, mas sobre onde está a sua solução.

2. Descartes — a resposta racionalista

Descartes responde com a **dúvida metódica**: duvidar não é um fim, é um instrumento para derrubar o saber duvidoso e encontrar um ponto de apoio indubitável. Rejeita como certo tudo o que admite a menor possibilidade de erro — os sentidos, o mundo exterior, as próprias contas matemáticas (sob a hipótese do génio maligno). Mas há uma coisa de que não pode duvidar: que *está a duvidar*. E duvidar é pensar. Daí a primeira certeza, *a priori* e independente da experiência: «**Penso, logo existo**» (o cogito).

Encontrado o ponto fixo, Descartes precisa de um **critério de verdade**: é verdadeiro o que a razão apreende de modo *claro* (presente e manifesto ao espírito) e *distinto* (separado de tudo o que é confuso). Com esse critério, reconhece três tipos de ideias — **inatas** (trazidas pela própria razão, como a ideia de perfeição), **advertícias** (vindas de fora, como as sensações) e **factícias** (construídas pela imaginação, como a de uma sereia). Entre as ideias inatas está a de um ser perfeito: **Deus**. Como um ser perfeito e bom não pode enganar sistematicamente, a sua existência *garante* que as ideias claras e distintas correspondem à realidade — e assim se pode recuperar a confiança no mundo exterior.

3. Hume — a resposta empirista

Hume rejeita o ponto de partida racionalista. Para ele, todo o conteúdo do espírito vem da **experiência**: as **impressões** são as percepções vivas e imediatas (ver, ouvir, sentir) e as **ideias** são apenas cópias enfraquecidas dessas impressões. Não há ideias inatas: a mente é, no início, uma página em branco que a experiência preenche. Distingue dois tipos de conhecimento: as **relações de ideias** (matemática e lógica), cuja verdade é necessária e se descobre só pela razão — « $7 \times 8 = 56$ » é verdadeiro sem consultar o mundo; e as **questões de facto**, contingentes, que só a experiência pode justificar — «o Sol nascerá amanhã» é plausível, mas o contrário não é contraditório.

O passo decisivo de Hume é a análise da **causalidade**. Quando vemos uma bola de bilhar empurrar outra, observamos apenas a *sucessão* e a *contiguidade* dos dois movimentos — aquilo a que chama **conjunção constante**. Nunca observamos uma **ligação necessária** que obrigue a segunda bola a mover-se. A necessidade que atribuímos à relação causal não é um dado dos sentidos: é uma projecção da mente. Depois de ver repetidamente A seguido de B, adquirimos o **hábito** (ou costume) de esperar B quando vemos A — e é esse hábito que produz a crença causal, não uma percepção da necessidade.

Daqui nasce o **problema da indução**: nenhuma generalização a partir da experiência se justifica racionalmente. Dizer que «todos os cisnes observados são brancos, logo todos os cisnes são brancos» pressupõe que a natureza é uniforme — que o futuro se assemelha ao passado. Mas esse princípio de uniformidade não se demonstra sem circularidade: só a experiência o poderia provar, e é ele que se pretende justificar com a experiência.

4. Quadro comparativo

Aspeto	Descartes (racionalismo)	Hume (empirismo)
Origem do conhecimento	Razão — ideias inatas (<i>a priori</i>)	Experiência — impressões (<i>a posteriori</i>)
CrITÉrio de verdade	Clareza e distinção	Força e vivacidade da impressão de origem
Conhecimento seguro	Cogito e verdades a priori; Deus garante o mundo	Relações de ideias (matemática/lógica)
Causa-efeito	Causalidade conhecível pela razão	Conjunção constante + hábito (sem necessidade observada)
Questões de facto	Reconstruídas pelo critério racional	Apenas prováveis; indução não justificada
Limite	Pressupõe Deus e arrisca o «círculo»	Não fundamenta a ciência empírica

5. Críticas cruzadas

Hume contra Descartes: as ideias ditas «inatas» ou são cópias de impressões (logo não inatas) ou são vazias de sentido; e a ligação necessária que Descartes admite nunca é observada.

Descartes contra Hume: sem princípios racionais a priori, o conhecimento fica reduzido à probabilidade — e probabilidade não é conhecimento. O «círculo cartesiano» é o preço a pagar pela certeza.

Ambos contra o céptico radical: Descartes derrota-o com o cogito; Hume mostra que a crença no mundo é natural (hábito), ainda que não demonstrável. Nenhum aceita que nada se possa conhecer.

6. Modelo de resposta — como responder a uma questão de exame

Enunciado tipo: «Compare as respostas de Descartes e Hume ao problema da origem do conhecimento.»

Modelo: (1) *Formulação do problema* — trata-se de saber de onde vem o conhecimento e o que o fundamenta, depois de reconhecido o desafio céptico; (2) *Tese de Descartes* — a origem está na razão: as ideias inatas e o cogito, com o critério de clareza e distinção garantido por Deus; (3) *Tese de Hume* — a origem está na experiência: todas as ideias derivam de impressões, e a causalidade reduz-se a conjunção constante e hábito; (4) *Ponto de divergência* — o que conta como fundamento: a evidência racional ou o dado sensível; (5) *Avaliação crítica* — Descartes conquista certeza mas arrisca o círculo; Hume é mais honesto quanto aos limites, mas deixa a ciência empírica sem justificação racional.

Regra de ouro: numa resposta comparativa, nunca descrever apenas um autor — apresentar o problema comum, expor as duas posições, isolar o critério em que divergem e fechar com uma avaliação fundamentada (não com uma opinião solta).

7. Verificação rápida

- Qual é a primeira certeza de Descartes e por que é *a priori*?
- O que distingue uma impressão de uma ideia em Hume?
- Porque razão a conjunção constante não é uma ligação necessária?
- Formula o problema da indução em duas frases.
- Que objecção faria Hume ao papel de Deus no sistema cartesiano?